

Os escritos sobre filosofia da psicologia de Ludwig Wittgenstein: alguns apontamentos

Ludwig Wittgenstein and the writings on the philosophy of psychology: some remarks

Palavras-chave: linguagem; mente; verbos psicológicos; introspecção; expressão; sensações.

Keywords: language; mind; psychological verbs; insight; expression; sensations.

Filicio Mulinari

Doutorando em filosofia,
Unifesp, Guarulhos, SP, Brasil.

filicio@gmail.com

Resumo

Em seus escritos tardios, Ludwig Wittgenstein (1889-1951) concentra sua atenção principalmente em três áreas distintas: na filosofia da linguagem, na filosofia da matemática e na filosofia da psicologia. No entanto, embora não se possa traçar um limite claro e definitivo de tais áreas de concentração nas obras do filósofo, principalmente pela descontinuidade e não-sistematicidade de seus escritos tardios, algumas questões podem ser ainda assim problematizadas. Nesse sentido que, aqui, no que diz respeito aos escritos sobre a filosofia da psicologia, questiona-se: o que pretende Wittgenstein com seus escritos sobre filosofia da psicologia? Quais são os problemas que Wittgenstein analisa e qual seu método de abordagem? Serão essas as questões que servirão de norte para a apresentação e buscar-se-á realizar algumas considerações explicativas em torno delas.

Abstract

In his later writings, Ludwig Wittgenstein (1889-1951) focuses its attention mainly on three distinct areas: the philosophy of language, philosophy of mathematics and philosophy of psychology. However, although it can not draw a clear and definite limit such areas of concentration in the works of the philosopher, mainly by discontinuity and non-systematic nature of his later writings, some issues may still be problematized. In this sense, here, with regard to the writings on the philosophy of psychology, the question is: what Wittgenstein meant by his writings on the philosophy of psychology? What are the problems that Wittgenstein analyzes and what their method of approach? Are these issues that will form the north to the presentation and pick up will make some explanatory remarks on them.

Introdução

Ipseitas, São Carlos, vol. 2,
n. 1, p. 115-126, jan-jun, 2016

O conceito psicológico paira intocado por cima da explicação fisiológica.
E a natureza do nosso problema torna-se por isso mais clara. (LWPP1, §777)

Nos anos posteriores à morte de Ludwig Wittgenstein (1889-1951), muitos comentadores publicaram obras tendo como objeto de estudo as incursões do filósofo sobre a linguagem, sobretudo ao tratamento dado à questão do significado presente na obra póstuma *Investigações*

Filosóficas (1953). No entanto, durante alguns anos essa mesma atenção – ao menos em nível e quantidade – não era dada em relação a outros de seus escritos, como os que o filósofo dedicou ao estudo dos fundamentos da matemática e, aqui especialmente tratado, seus escritos sobre a filosofia da psicologia.¹ Embora não se possa traçar um limite claro e definitivo entre tais temas nas obras do filósofo, principalmente pela descontinuidade e não-sistematicidade de seus escritos tardios, algumas questões podem ser ainda assim problematizadas.² Nesse sentido, no que se refere aos escritos sobre a filosofia da psicologia de Wittgenstein, questões que dizem respeito à significação de conceitos e verbos psicológicos (tais como 'crer', 'interpretar', 'intencionar'), bem como problemáticas e paradoxos a eles interligados parecem receber uma atenção especial. Afinal, tal como questiona Wittgenstein (IF, § 244), como as palavras *se referem* às sensações? Como é estabelecida a ligação entre o nome da sensação e o "objeto" denominado?

Como as palavras *se referem* a sensações? Nisto não parece haver nenhum problema; pois não falamos diariamente de sensações e não as denominamos? Mas como é estabelecida a ligação entre o nome e o denominado? (IF § 244)

As questões referentes à significação dos termos mentais são expostas inicialmente nas *Investigações Filosóficas*,³ mas recebem um tratamento maior e mais específico nos escritos sobre filosofia da psicologia redigidos por Wittgenstein na década de 40 e, ainda, revela outros paradoxos

¹ Salienta-se aqui que os escritos sobre filosofia da psicologia redigidos por Wittgenstein se concentram sobretudo na segunda metade da década de quarenta. Exemplos disso são suas *Observações sobre a Filosofia da Psicologia* e os Últimos escritos sobre a Filosofia da Psicologia. Cabe ressaltar que, se nos primeiros anos da segunda metade do século XX eram escassos os trabalhos que possuíam os escritos sobre a filosofia da psicologia de Wittgenstein como objeto de estudo, mais contemporaneamente é possível encontrar trabalhos de grandioso nível teórico acerca do tema, vide Schulte (1995), Marques (2007), Budd (1991), dentre outros.

² É importante observar uma questão existente em torno dos escritos tardios de Wittgenstein, sobretudo os escritos de psicologia produzidos entre os anos de 1946 e 1949. Conforme assinala Schulte (1995, p. 1), são os escritos de psicologia de Wittgenstein um trabalho filosófico a parte, ou eles são partes de uma obra maior do filósofo? Dado que apenas o *Tractatus Logico-Philosophicus* e o *Some Remarks of Logical Forms* foram publicados com o filósofo em vida, a tentativa de dar uma resposta definitiva a tal questão se torna tanto quanto problemática. Não obstante, salienta-se de antemão que aqui, na presente pesquisa, se tomará partido da convicção de que os escritos sobre filosofia da psicologia de Wittgenstein são escritos com objetivos distintos de outros trabalhos, o que por sua vez concederia certa "autonomia" aos mesmos. Sobre isso, Marques (2007, p. 8-9) afirma categoricamente: "De facto, especialistas com a autoridade de G. H. Von Wright e Joachim Schulte, entre outros, consideram que as observações do último Wittgenstein sobre filosofia da psicologia representam realmente algo novo, uma reconfiguração de temas e conceitos, ainda que nunca se ponha em causa a total continuidade da metodologia e do estilo de pensamento".

³ Ressalta-se aqui que há uma polêmica em torno da publicação da segunda parte das *Investigações Filosóficas*. De acordo com alguns comentadores, não há nenhuma evidência de que Wittgenstein realmente quisesse publicar algo além das 693 seções que compõem a primeira parte das *IF*. Sobre isso, Marques pontua: "Aspecto a sublinhar é o facto de muitas destas observações [dos *LWPP*] serem a repetição praticamente *ipsis verbis* de passagens da Parte II das *IF* editada por G.E.M. Anscombe e R. Rhees. [...] Aliás, convém alertar o leitor, o qual eventualmente já conhece as *IF*, para que o próprio Wittgenstein apenas preparou para ser publicado o conjunto das 693 seções apresentadas por aqueles editores como constituindo a primeira parte do livro. Assim, a parte II das *IF*, [...] foi acrescentada por aqueles, a partir de textos manuscritos dos últimos anos de vida do filósofo (mais ou menos de 1946 a 1949). A verdade é que não existe evidência empírica, mediante testemunhos escritos ou orais, de que Wittgenstein pretendesse acrescentar uma segunda parte à 693 seções das *IF* que ele prepara, essas sim, para publicação" (MARQUES, 2007, p. 6-7).

relacionados ao âmbito do mental que aparecem de forma secundária ou até mesmo não aparecem em escritos anteriores.

Contudo, deve-se advertir que, se em um primeiro momento Wittgenstein pode ser situado na história da filosofia como um dos mais influentes pensadores da chamada 'virada linguística' (*linguistic turn*)⁴ na filosofia contemporânea, deve-se ressaltar que os escritos sobre a filosofia da psicologia do filósofo de Viena – incluindo outros escritos abalizados pela noção de jogos de linguagem (*Sprachspiel*) – se enquadram em um momento posterior ao início do *linguistic turn*. Noutros termos, se o *Tractatus Logico-Philosophicus* foi um dos principais responsáveis pelo primeiro momento da virada linguística da filosofia, que culminaria posteriormente nos trabalhos realizados pelos teóricos do positivismo lógico do Círculo de Viena, pode-se dizer que os escritos de Wittgenstein da década de 40 se inserem em outro contexto filosófico, que é conhecido como 'virada pragmático-linguística' da filosofia contemporânea da linguagem.

De forma geral, há duas grandes vertentes provindas do modelo de filosofia proposto pelo '*linguistic turn*' na filosofia. A primeira seria proveniente da Escola Analítica de Cambridge, principalmente por meio dos escritos de Gottlob Frege, Bertrand Russel e do *Tractatus Logico-Philosophicus* do próprio Wittgenstein. A segunda vertente vinculada ao *linguistic turn* seria originária da corrente analítica da Escola de Oxford, também conhecida como "filosofia da linguagem ordinária", e é responsável pelo o que aqui se chama de 'virada pragmático-linguística' da filosofia. Toma-se como exemplos dessa última corrente as obras de Gilbert Ryle, John L. Austin e dos escritos tardios de Wittgenstein, incluindo os sobre a filosofia da psicologia, que serão analisados aqui.⁵ Aliás, não é auspicioso em demasia dizer que os escritos sobre filosofia da psicologia – juntamente com os outros 'escritos tardios' de Wittgenstein – constituem um dos eixos mais fundamentais da virada pragmática da linguagem e, por isso, um estudo

⁴ A expressão 'virada linguística' (*linguistic turn*), ou, ainda, 'giro linguístico', foi introduzida por Richard Rorty em 1967, no livro *The Linguistic Turn*. Nesse livro, Rorty reúne textos sobre aquilo que ele denomina como 'filosofia linguística'. Na introdução do livro, Rorty proporciona uma possível definição do conceito de 'filosofia linguística' e, conseqüentemente, da 'virada linguística' na filosofia: "*The purpose of the present volume is to provide materials for reflection on the most recent philosophical revolution, that of linguistic philosophy. I shall mean by 'linguistic philosophy' the view that philosophical problems are problems which may be solved (or dissolved) either by reforming language, or by understanding more about the language we presently use.*" (Rorty, 1992, p. 3). Contudo, cabe ressaltar a posição de Hacker (2007), que afirma que a 'virada linguística' foi iniciada no *Tractatus*. Hacker não vincula de forma imediata a filosofia analítica com a virada linguística. Para ele, a filosofia analítica se iniciou no final do século XIX, sobretudo pelas obras de Moore e Russell em contraponto com o idealismo hegeliano e a concepção de síntese idealista. Em oposição a isso, partiam de um compromisso com o realismo e com o processo filosófico de análise. Entretanto, Hacker (2007, p. 11) diz que a virada linguística só teria sido iniciada no *Tractatus* de Wittgenstein e finalizada com a refutação das doutrinas metafísicas da própria obra pelo próprio Wittgenstein, na década de 30.

⁵ Sobre a distinção entre as Escolas de Cambridge e de Oxford no que concerne à filosofia analítica, cabe ressaltar o comentário de Hacker (2007), para quem a filosofia analítica possui fases específicas e distintas uma das outras. Para Hacker, o *Tractatus* foi o ápice da primeira fase da filosofia analítica e fonte primária das próximas duas fases (Hacker, 2007, p. 2). Entretanto, aquilo que aqui é denominado como 'virada pragmático-linguística' da filosofia analítica, Hacker vincula como sendo a 'quarta fase da filosofia analítica, que é fundamentada principalmente na escola de Oxford, e inclui de sobretudo a participação de Ryle (que sofreu influência decisiva dos escritos tardios de Wittgenstein).

detalhado dessa parte da obra filosófica de Wittgenstein se justifica ainda mais, na medida em que proporciona um melhor entendimento da mudança de direção de um dos eixos da filosofia analítica da linguagem do século passado.

Não obstante, qualquer pesquisa que intente tratar alguma questão presente nos escritos de Wittgenstein deve, previamente, realizar uma breve apresentação das noções principais do modo particular de fazer filosofia do filósofo, sobretudo daquelas que circundam seus escritos tardios. Assim sendo, essas notas preliminares se justificam na medida em que familiarizam o leitor ao estilo próprio do pensamento do filósofo de Viena e, ainda, apresentam a explicação de alguns conceitos fundamentais para a compreensão dos objetivos aqui propostos. Nesse sentido, o objetivo do presente artigo é apresentar um aparato filosófico-conceitual introdutório que sirva como base para a compreensão dos escritos sobre psicologia de Wittgenstein, elucidando os alvos da crítica de Wittgenstein, seu método de abordagem e os principais conceitos que circundam sua análise dos conceitos e verbos psicológicos.

Wittgenstein e a filosofia da psicologia: uma investigação conceitual

Primeiramente, adverte-se que a psicologia desenvolveu-se ao fim XIX e início do século XX como uma ciência fundamentada em estudos empíricos, realizados por intermédio de metodologias experimentais – matemático-estatísticas – sobre o comportamento. Segundo essa metodologia, a experiência ou vivência subjetiva teria caráter secundário em favor de uma fundamentação do comportamento a partir de um observador externo.

Porém, os escritos sobre a psicologia de Wittgenstein não se inserem nessa perspectiva experimental. Para Wittgenstein, o que interessa em uma análise filosófica da psicologia são os fundamentos ou princípios que constituem a análise e uso dos conceitos psicológicos. O estudo dos fundamentos da psicologia, assim como as investigações dos fundamentos da matemática, se constituiria não como um estudo empírico ou fisiológico, mas sim enquanto uma investigação *conceitual*.⁶

Para a Matemática é possível uma investigação bastante semelhante à investigação filosófica da Psicologia. Ela é tão pouco *matemática* quanto a outra é psicológica. Nela *não* se calcula, p. ex. não é Logicista. Poderia merecer o nome de uma investigação dos 'fundamentos da matemática' (UEFP, I, §792).

Percebe-se que a o processo de abordagem adotado por Wittgenstein não se concentra em uma explicação fisiológica ou comportamental (causal),

⁶ Conforme salienta Hebeche (2002, p. 19), tanto a psicologia quanto a matemática estariam envolvidas em uma confusão gramatical que impediria a compreensão correta dos conceitos usados por ambas as ciências, dado que na psicologia existem métodos experimentais e confusão gramatical, tal como na matemática, área na qual existiria confusão conceitual e métodos demonstrativos. É por esse motivo que se pode traçar um paralelo entre ambas as ciências nas investigações de Wittgenstein, posto que o objetivo da investigação do filósofo sobre ambas áreas de conhecimento seria a realização de uma investigação de caráter *conceitual*, dado que o método da psicologia pressupõe o uso das palavras na linguagem (que não são alcançados pelo método experimental), da mesma forma que a tematização da matemática pressupõe uma crítica das ilusões metafísicas de seus fundamentos.

mas sim em uma *descrição das exteriorizações* dos conceitos psicológicos proferidas na linguagem (conceitos como 'crer', 'desejar', 'pensar', 'perceber', etc.). Para Wittgenstein, a psicologia não deveria tratar o universo da esfera do psíquico da mesma forma que a física trata de seus objetos.

Um paralelo enganador: a Psicologia trata dos processos da esfera do psíquico, como a Física trata dos processos da esfera do físico. Ver, ouvir, pensar, sentir, querer não são *no mesmo sentido* objetos da Psicologia como o movimento dos corpos e os fenômenos elétricos são objetos da Física. E isso vê-se no fato de o físico ver, ouvir, refletir sobre esses fenômenos, informar-nos acerca deles, enquanto que o psicólogo observa as *exteriorizações* (o comportamento) do sujeito (IF, §571).

Com essa consideração, Wittgenstein quer enfatizar que o estudo dos conceitos e verbos psicológicos, *i.e.*, do objeto de estudo de seus escritos sobre a psicologia, não deve ser fundamentado em uma análise de um fenômeno físico, ou seja, em uma pesquisa científica. Isso se dá pois, como será visto no decorrer da pesquisa, para Wittgenstein os fenômenos psicológicos, por serem vivências na primeira pessoa (vivências próprias do sujeito),⁷ não podem ser reduzidos a uma explicação fisiológica: "O conceito psicológico paira intocado por cima da explicação fisiológica. E a natureza do nosso problema torna-se por isso mais clara" (UEFP, I, §777). Dessa maneira, os escritos sobre a psicologia propostos por Wittgenstein teriam como objetivo obter uma *visão perspicua* (*übersichtliche Darstellung*)⁸ de conceitos psicológicos expressos na linguagem e, nesse sentido, possuiriam a finalidade de realizar uma análise conceitual dos termos psicológicos.⁹

Ressalta-se que, conforme adverte Hebeche (2002, p. 60), o conceito de visão perspicua (ou apresentação panorâmica) mantém relação direta com o tema da psicologia nos escritos de Wittgenstein, uma vez que diz respeito ao nosso modo de apresentar (*Darstellungsform*) as coisas, ao modo como as coisas aparecem e, concomitantemente, ao modo como podemos fazer conexões e relações intermediárias entre os conceitos. Nesse sentido,

⁷ Sobre fenômenos psicológicos e vivência na primeira pessoa, salienta-se que mais detalhes serão dados ao longo da pesquisa, sobretudo no capítulo 3.1. Entretanto, por hora adverte-se que tal relação diz respeito a particularidade pertencente ao âmbito dos conceitos mentais no que se refere à uma suposto 'acesso exclusivo' ao fenômeno mental: apenas o indivíduo que possui um fenômeno mental (crença, intenção, etc.) pode 'acessar' esse fenômeno; terceiros possuiriam apenas um acesso indireto.

⁸ É importante advertir que não há um consenso entre os tradutores de língua portuguesa de qual é a melhor tradução do termo *übersichtliche Darstellung*, bem como também não há para a dos termos *übersehen* e *Übersichtlichkeit*. O substantivo *Übersichtlichkeit* pode significar, no alemão, algo equivalente à palavra "clareza". Contudo, muitos tradutores preferem ligar a tradução do termo a outras palavras de melhor sentido na filosofia de Wittgenstein, como as palavras *panorâmica*, *perspicua* e/ou *sinóptica*. Tendo em vista essa dificuldade de tradução, ressalta-se que o termo *übersichtliche Darstellung* será traduzido aqui, mesmo com ressalvas, como *Representação Panorâmica*. O termo *Übersichtlichkeit* será tomado aqui como equivalente, no português, a *Caráter Panorâmico* ou, em outras vezes, como *visão clara do todo*. A palavra *übersehen*, por sua vez, será traduzida como *visão panorâmica*. No entanto, adianta-se que sempre que estes termos se fizerem presentes na pesquisa, terá logo na frente da tradução seu equivalente em alemão, a fim de se evitar possíveis equívocos.

⁹ De acordo com Gil de Pareja (1992, p. 25) "[...] la preocupación de Wittgenstein no es desarrollar la Psicología como Ciencia, sino sólo diagnosticar y aclarar las confusiones conceptuales que en ella se dan. Su estudio lo lleva a cabo desde el punto de vista del análisis del uso de los términos que expresan los conceptos psicológicos. Mira la Psicología desde la Filosofía: su propósito no es, por tanto, desarrollar un saber empírico sino realizar una reflexión filosófica sobre elementos básicos de una Ciencia".

com a realização de uma visão perspicua dos conceitos psicológicos, Wittgenstein teria como propósito dissolver problemas metafísicos que estariam há tempos enraizados na filosofia, mas que no fundo nada mais seriam que problemas conceituais.¹⁰ Isso se dá uma vez que “[...] o objetivo da filosofia da psicologia [de Wittgenstein] é a dissolução dos problemas filosóficos sobre a natureza da mente, a partir da compreensão das relações perspicuas dos conceitos psicológicos cotidianos” (HEBECHE, 2002, p. 28).

Entretanto, apesar de almejar a realização de uma representação panorâmica dos conceitos psicológicos, deve-se salientar que o procedimento de abordagem que Wittgenstein emprega em seus escritos de psicologia é puramente *descritivo* e, de modo algum, deve ser tomado como “*explicativo*”, “*elucidativo*” ou de caráter sistemático. Sobre isso, o filósofo é pontual:

Era certo dizer que nossas considerações não deviam ser considerações científicas. A experiência 'de que isto ou aquilo possa ser pensado contra nosso preconceito' – o que quer que isso signifique – não podia nos interessar. (A concepção pneumática do pensamento.) E não devemos construir nenhuma espécie de teoria. Não deve haver nada de hipotético nas nossas considerações. Toda *elucidação* deve desaparecer e ser substituída apenas por descrição. E esta descrição recebe sua luz, isto é, sua finalidade, dos problemas filosóficos. Estes problemas não são empíricos, mas são resolvidos por meio de um exame do trabalho de nossa linguagem e de tal modo que este seja reconhecido: *contra* o impulso de mal compreendê-lo. Os problemas são resolvidos não pelo acúmulo de novas experiências, mas pela combinação do que é já há muito tempo conhecido. A filosofia é uma luta contra o enfeitiçamento do nosso entendimento pelos meios da nossa linguagem (IFS109).

De início, tem-se que salientar que o fundamento do pensamento filosófico de Wittgenstein gira em torno de uma particular concepção a respeito daquilo que ele toma como “investigação filosófica”:

Investigações filosóficas: investigações conceituais. O que é essencial à metafísica: que para ela não esteja clara a distinção entre investigações factuais e conceituais. A questão metafísica sempre tem toda a aparência de uma questão factual, embora o problema seja conceitual. [Cf. Z 458] (RPPI, § 949).

Percebe-se então que, para o filósofo, toda investigação filosófica seria de ordem *conceitual*. Segue-se com isso que a análise de Wittgenstein sobre termos psicológicos será, portanto, conceitual. O que Wittgenstein almeja é dizer que tudo aquilo que é de interesse da filosofia está, de certa forma, explícito na linguagem. Não há, para o autor, nada escondido *por detrás* da linguagem e nenhum novo tipo de elucidação ou experiência revelará algo que já não seja conhecido ou necessário para a pesquisa filosófica.¹¹

¹⁰ Exemplos desses 'problemas de linguagem' seriam os problemas relacionados à natureza da mente, à introspecção e à relação interior/exterior, à significação, etc.

¹¹ Sobre isso, Wittgenstein diz: "Isto se expressa na questão relativa à *essência* da linguagem, da proposição, do pensamento. Pois se, em nossa investigação, tentamos compreender também a essência da linguagem – sua função, sua estrutura –, não é porém a *isso* que visa esta questão. Pois não se vê na essência algo que já é evidente e que se torna *claro* por meio de uma ordenação. Mas algo que se encontra *abaixo* da superfície. Algo que se encontra no interior, que vemos quando desvendamos a coisa e que uma análise deve evidenciar. 'A *essência nos é oculta*': esta é a forma que toma agora nosso problema. Perguntamos: "o *que* é a linguagem?", "o *que* é a proposição?". E a resposta a estas questões deve ser dada de uma vez por todas; e independentemente de toda experiência futura" (IF §92).

Exposta as afirmações acima, alguém poderia questionar: mas o que Wittgenstein entende por *investigação conceitual*? Sobre isso, tem-se que Wittgenstein entende como investigação conceitual nada mais que a mera descrição do uso das palavras e aqui, especialmente, dos termos psicológicos.

Nossa consideração é, por isso, gramatical. E esta consideração traz luz para o nosso problema, afastando os mal-entendidos. Mas-entendidos que concernem ao uso das palavras; provocados, entre outras coisas, por certas analogias entre as formas de expressão em diferentes domínios da nossa linguagem. Muitos deles são afastados ao se substituir uma forma de expressão por outra; isto se pode chamar de "análise" e nossas formas de expressão, pois esse processo assemelha-se muitas vezes a uma decomposição. (IF, § 90).

Como se percebe, a investigação que Wittgenstein propõe possui algumas particularidades relevantes. Nesse sentido, é necessário ter em vista um dos alvos fundamentais da crítica dos escritos tardios de Wittgenstein (principalmente das *Investigações Filosóficas*), a saber, sua rejeição de uma teoria tradicional presente, sobretudo, na filosofia analítica do início do século XX – inclusive em sua própria obra anterior, o *Tractatus Logico-Philosophicus*: a teoria referencial do significado.

Nas palavras do próprio Wittgenstein, a teoria referencial do significado carregaria em si a ideia de que "as palavras denominam objetos":

[...] as palavras da linguagem denominam objetos – frases são ligações de tais denominações. – Nesta imagem da linguagem encontramos as raízes da ideia: cada palavra tem uma significação. Esta significação é agregada à palavra. É o objeto que a palavra substitui (IF, §1).

Noutros termos, a teoria referencial do significado postularia que todo processo de significação seria dado por meio de uma 'definição ostensiva'. Segundo Glock (1997, pg. 122), uma definição ostensiva é caracterizada por meio da elucidação do significado por enunciados como "Isto é um elefante", "Esta cor é o 'vermelho'", "Isto é um carro", etc. Percebe-se que tais enunciados pressupõem caracteristicamente três particularidades: uma expressão demonstrativa ('Isto é...'; 'O nome disso é...'; "Esta é..."); um gesto dêitico (um 'apontar'); e uma amostra, *i.e.*, um objeto para o qual se aponta ou se referencia.

Apesar de o termo 'teoria referencial' aparecer inicialmente na obra *Logic* (1921-1924), de William Ernest Johnson (1858-1931),¹² a ideia de que a significação de um objeto seja dada por meio de uma referência a um objeto possui origens mais antigas. O próprio Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas*, a relaciona com Santo Agostinho (354-430), ao iniciar sua obra com uma citação do filósofo medieval e dizer que em tal citação está presente "[...] uma determinada imagem da essência da linguagem humana" (IF, §1). Entretanto, embora cite diretamente Agostinho, nota-se que tal ideia também está presente no próprio *Tractatus* de Wittgenstein e em boa parte da filosofia analítica que precede tal obra, como os escritos de Frege e Russell. Apesar do filósofo não citar no *Tractatus* diretamente

¹² W.E. Johnson (1858-1931) foi um importante lógico britânico, professor do King's College, em Cambridge por quase trinta anos. Foi professor de alunos ilustres, como John Maynard Keynes e John Neville Keynes. Entretanto, o lógico mais conhecido por ter escrito a obra *Logic* (1921-1924), publicada em três volumes e de grande relevância para a lógica contemporânea.

o termo 'definição ostensiva', o mesmo pode ser compreendido por meio do termo "métodos de projeção" que, como afirma Glock (1997, p. 123), indica que a projeção dos nomes sobre objetos consiste em atos de projeção ostensiva. Contudo, nas *Investigações Filosóficas* o filósofo é categórico ao afirmar que a definição ostensiva não fornece uma base inabalável para os termos:¹³

Pode-se, pois, definir um nome próprio, uma palavra para cor, um nome de matéria, uma palavra para número, o nome de um ponto cardeal etc., ostensivamente. A definição do número dois "isto se chama 'dois'" – enquanto se mostram duas nozes – é perfeitamente exata. – Mas, como se pode definir o dois assim? Aquele a que se dá a definição não sabe então, *o que se quer chamar com "dois"*; suporá que você chama de "dois" *este* grupo de nozes! Poderia, também, inversamente, se eu quiser atribuir a esse grupo de nozes um nome, confundi-lo com um nome para número. E do mesmo modo, quando elucidado um nome próprio ostensivamente, poderia confundi-lo com um nome de cor, uma designação de raça, até com o nome de um ponto cardeal. Isto é, a definição ostensiva pode ser interpretada em *cada* caso como tal e diferentemente (IF, § 28).

No caso particular dos conceitos psicológicos, tais definições ostensivas seriam referentes às causas ou objetos psicológicos, internos e acessíveis somente ao sujeito. Em outras palavras, o processo de definição ostensiva referente aos termos psicológicos seria sempre de caráter privado, *i.e.*, seria referente a um objeto mental interno (sensação, sentimento, etc.), ideia da qual o filósofo se opõe. Sobre a questão da significação dos conceitos psicológicos, Wittgenstein lança o seguinte questionamento:

Como acabamos usando uma expressão como "eu creio..."? Será que de repente reparamos num fenômeno, o da crença? O que fizemos foi observar a nós mesmos e desta forma encontramos o fenômeno? O que fizemos foi observar a nós mesmos e os outros homens e desta forma encontramos o fenômeno da crença? (*RPPI*, §§ 61–62–63).

É necessário pontuar que Wittgenstein rejeita a tese que afirma que o significado das palavras é sempre dado por meio de uma referência a um objeto, tal como postulam as teorias referencialistas. Para Wittgenstein, algumas palavras não seriam significadas por meio de referência alguma: os conceitos psicológicos, quando proferidos na primeira pessoa, seriam exemplos disso.

De acordo com o filósofo, os conceitos psicológicos não seriam referentes a algo como um 'objeto mental', privado e interno à mente do sujeito. Isso se dá uma vez que Wittgenstein é cético quanto a qualquer teoria filosófica que tente dar uma explicação dos processos de significação da linguagem por meio de um *mecanismo psicológico privado*, acessível somente ao sujeito que intenta significar um termo.¹⁴

¹³ Apesar de não fornecerem uma base inexorável, as definições ostensivas não devem ser tomadas como inúteis ou irrelevantes. As mesmas cumprem, de acordo com Wittgenstein, um importante papel na linguagem, principalmente em uma linguagem mais primitiva, como nos casos nos quais uma criança aprende a falar. Nesse sentido, a crítica de Wittgenstein vai em direção a tomar a definição ostensiva como único modelo para o processo de significação das palavras, algo como se a 'finalidade da linguagem' fosse designar objetos. (vide: IF, § 6).

¹⁴ Para uma melhor compreensão dessa parte da crítica de Wittgenstein, vide aquilo que academicamente ficou conhecido como "argumento da linguagem privada" de Wittgenstein, presentes nos §§243-315 das *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein.

Por fim, vale lembrar que em seus escritos sobre a filosofia da psicologia, além de se preocupar com o processo no qual os termos psicológicos ganham significado, Wittgenstein se deteve ao estudo descritivo dos mesmos, a fim de mostrar as questões que se originam da falta de compreensão da linguagem que engloba os conceitos psicológicos.

Visão perspicua e os conceitos psicológicos

Dado que o objetivo de Wittgenstein nas suas reflexões sobre conceitos psicológicos seja uma *descrição* gramatical dos usos de tais termos, é importante agora elucidar, mesmo que brevemente, aquilo que o filósofo pretende realizar com seus escritos sobre psicologia.

Certamente, é difícil dizer se havia em Wittgenstein uma "finalidade última" de seus escritos sobre a filosofia da psicologia. Entretanto, é certo que o filósofo não almeja com seus escritos realizar uma investigação que tenha como objetivo dar uma definição exata ou, ainda, um estudo "explicativo" dos variados usos dos termos psicológicos: exatidão e explicação não fazem parte daquilo que se intenta nos estudos de filosofia da psicologia do filósofo.¹⁵ Contrário a isso, o que o há é a pretensão de 'ver panoramicamente' o uso das palavras e, aqui especialmente, do uso dos conceitos da psicologia, como 'crer', 'intencionar', 'desejar', etc.¹⁶ Sobre o caráter panorâmico (ou "visão clara do todo") mencionado acima, encontra-se a constatação:

Uma fonte principal da nossa incompreensão é que não temos uma visão panorâmica do uso de nossas palavras. – Falta caráter panorâmico à nossa gramática. – A representação panorâmica permite a compreensão, que consiste justamente em "ver as conexões". Daí a importância de encontrar e inventar *articulações intermediárias*. O conceito de representação panorâmica é para nós de importância fundamental. Designa nossa forma de representação, o modo pelo qual vemos as coisas. (É isso uma "visão do mundo?"). (IF, § 122).

Com isso, observa-se que Wittgenstein não entende *visão panorâmica* (übersehen) como uma espécie de construção única, completa e/ou sistemático dos processos da linguagem, mas sim como processo que visa analisar os diferentes usos, similaridades e diferenças entre os termos psicológicos quando proferidos na linguagem.

Conforme adverte Hebeche (2002, p. 63), "a elasticidade do conceito de apresentação – por oposição ao ideal de exatidão – permite o domínio

¹⁵ A árvore genealógica dos fenômenos psicológicos: *Não* estou buscando *exatidão*, mas uma visão clara do todo [Übersichtlichkeit] (RPPI, 895).

¹⁶ A árvore genealógica (*Stammbaum*) dos conceitos psicológicos não resulta de um esforço por exatidão, mas apenas de uma tentativa de visão panorâmica. Porém, a vagueza indica que o que está em jogo aqui é o próprio método (Z § 555), isto é, que a visada perspicua dos conceitos psicológicos anda junto com a dissolução de problemas filosóficos, como a linguagem privada e concepção objeto-designação, e, portanto, com a crítica da reificação do conceito de consciência. Wittgenstein reconhece que a grande dificuldade dessas investigações conceituais é a de encontrar um modo de apresentação para a vagueza (*Darstellungsweise für die Vagheit*) [LWPPI, §347], pois, ao contrário da elucidação de tipo platônica, o conceito de apresentação perspicua não é ele mesmo perspicuo, ou melhor, a eliminação da forma geral (ou do ideal de exatidão) só se dá sob a condição de a übersichtliche Darstellung não ser übersichtlich. Ou seja, a visada sinótica de certos âmbitos da linguagem não é um superconceito ou uma meta-regra, pois como são vagos os conceitos do mundo da consciência, também é vago o modo de apresentá-los (como os conceitos de ver e ver-como) (HEBECHÉ, 2002, p. 63).

de novos aspectos das palavras, de inventar novas articulações entre jogos de linguagem, e assim por diante". Consequentemente, Wittgenstein realizou várias aproximações e comparações de diferentes jogos de linguagem distintos.¹⁷ Exemplo disso é a invenção de formas de linguagem primitivas, nas quais – por meio de comparação e aproximação – o modo como a linguagem funciona se torna mais acessível e claro, bem como as semelhanças e diversidades existentes entre distintos termos.¹⁸

Deve-se ponderar que, para Wittgenstein, há uma grande dificuldade em descrever o modo como às palavras são usadas e é dessa dificuldade que emergiriam problemas filosóficos. Nesse sentido, percebe-se que a visão perspicua (*übersichtliche Darstellung*) possui um útil papel para a análise dos diversos usos dos termos, pois uma vez realizada, alguns problemas filosóficos que teriam suas raízes ocultadas na linguagem cotidiana poderiam encontrar uma via de solução.

Queremos estabelecer uma ordem no nosso conhecimento do uso da linguagem: uma ordem para uma finalidade determinada; uma ordem dentre as muitas possíveis; não *a* ordem. Com esta finalidade, *salientaremos* constantemente diferenças que nossas formas habituais de linguagem facilmente não deixam perceber. Isto poderia dar a aparência de que considerássemos como nossa tarefa reformar a linguagem. Uma tal reforma para determinadas finalidades práticas, o aperfeiçoamento da nossa terminologia para evitar mal-entendidos no uso prático, é bem possível. Mas esses não são os casos com que temos algo a ver. As confusões com as quais nos ocupamos nascem quando a linguagem, por assim dizer, caminha no vazio, não quando trabalha (*IF*, § 132).

Sobre os termos psicológicos, Wittgenstein destaca ainda duas dificuldades especiais. A primeira dessas dificuldades diz respeito ao fato de que muitos desses termos mantêm na linguagem uma íntima ligação com algum tipo de teoria psicológica ou filosófica tradicional. Essa ligação seria dada principalmente pelas teorias referenciais da significação quando referentes aos conceitos e verbos psicológicos. Segundo essas teorias, os termos psicológicos seriam significados por meio da introspecção, visto que o âmbito da significação do psicológico seria privado.¹⁹ Assim, a ligação existente na linguagem ordinária entre os termos psicológicos e a teoria referencial seria difícil de ser renunciada pela mera descrição comum dos termos: "*a dificuldade de renunciar toda teoria: é preciso que*

¹⁷ Sobre a importância da aproximação e comparação entre jogos de linguagens distintos, Wittgenstein diz: "Nossos claros e simples jogos de linguagem não são estudos preparatórios para uma futura regulamentação da linguagem, – como que primeiras aproximações, sem considerar o atrito e a resistência do ar. Os jogos de linguagem figuram muito mais como *objetos de comparação*, que, através de semelhanças e dessemelhanças, devem lançar luz sobre as relações de nossa linguagem" (*IF*, § 130).

¹⁸ Um exemplo de linguagem primitiva criado por Wittgenstein pode ser encontrado no início das *Investigações Filosóficas*, no parágrafo primeiro. Sobre tal linguagem, Wittgenstein diz: "Aquele conceito filosófico da significação cabe numa representação primitiva da maneira pela qual a linguagem funciona. Mas, pode-se também dizer, é a representação de uma linguagem mais primitiva que a nossa" (*IF*, § 2).

¹⁹ Sobre isso, toma-se como ponto importante a crítica que Wittgenstein faz à concepção tradicional de interior. Segundo salienta Marques (2003, p. 13), a tese que Wittgenstein defendeu é a de que o "[...] interior é uma pseudo-entidade que se deve associar não à imagem de uma caixa a que apenas o próprio sujeito tem acesso, mas sim a formas lingüísticas expressivas que *introduzem* assimetrias inultrapassáveis entre a perspectiva da 1ª pessoa e da 3ª".

se tome aquilo que parece tão manifestadamente incompleto como algo completo" (RPPI, § 723).

A segunda dificuldade explicitada por Wittgenstein seria referente ao problema de se dar uma descrição panorâmica dos variados usos dos termos psicológicos na linguagem. Isso se deve ao fato dos termos psicológicos possuírem usos ramificados na linguagem e, nesse sentido, aquele que intenta dar uma definição simples e definitiva das regras do uso de um termo psicológico acabaria por cair, vez ou outra, em uma exceção à regra.²⁰

Àquele que tenta dar a descrição falta, sobretudo, qualquer espécie de sistema. Os sistemas que lhe vêm à mente são insuficientes, e ele subitamente parece encontrar-se numa selva em vez de no jardim bem arrumado que ele tão bem conhecia. É claro que regras lhe vêm à mente, mas a realidade nada mostra senão exceções. (RPPI, §557).

Como se percebe, as questões conceituais que derivam dos termos psicológicos resultam do fato de que os mesmos possuem variadas formas de usos na linguagem e, ainda, são em muitos casos associados a alguma teoria psicológica tradicional. Termos e palavras como "ter esperança", "desejar", "crer", "pensar" não possuem apenas uma definição de uso possível, mas várias definições e usos aceitáveis, o que, por sua vez, dificultaria a obtenção de uma visão panorâmica (übersehen) dos mesmos.²¹ Esta ampla gama de possibilidade de uso dos termos psicológicos seria uma das fontes de origem da uma confusão gramatical que cerca a 'gramática do mental'.

Para Wittgenstein, é devido à confusão gramatical em torno de alguns conceitos que se originam certos problemas filosóficos. De acordo com Budd (1993, p. 7), problemas metafísicos sobre a natureza da mente, por exemplo, seriam para o filósofo nada mais que confusões oriundas do uso equivocado do vocabulário psicológico e, conforme prega à terapia gramatical proposta pelo filósofo, esses problemas seriam eliminados por meio de uma visão sinóptica dos termos psicológicos. Esse parece ser, então, o escopo elementar das investigações de Wittgenstein sobre a filosofia da psicologia, sem o qual qualquer investigação sobre essa temática nos escritos wittgensteinianos ficaria comprometida.

Bibliografia

BUDD, Malcolm. *Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. 2ª Edição. Padstow, Cornwall, Great Britain: Routledge London and New York. 1993.

CAVELL, Stanley. *The claim of reason*. New York e Oxford: Oxford University Press, 1999.

²⁰ Wittgenstein dá como exemplo a tentativa de explicar as regras de uso do termo 'pensar': "De onde tiramos o conceito "pensa" que queremos aqui examinar? Da linguagem cotidiana. O que se dirige a nossa atenção num primeiro momento é a palavra "pensar". Mas o uso desta palavra é confuso. Nem podemos esperar algo diferente. Naturalmente, isso pode ser dito de todos os verbos psicológicos. O emprego deles não é tão claro e tão fácil de abarcar [übersehen] como o dos termos da mecânica, por exemplo (Z§ 113 ; RPPIIS 20)".

²¹ De acordo com Gil de Pareja, "[...] el conjunto de los conceptos psicológicos es difícil de sistematizar, porque resulta extremadamente complicado realizar una sinopsis explicativa entre los términos y enunciados psicológicos" (GIL DE PAREJA, 1992, p. 83).

- GIL DE PAREJA, José Luis. *La filosofía de la psicología de Ludwig Wittgenstein*. Barcelona: Ed. PPU, 1992.
- GLOCK; HANS JONAS. *Dicionário Wittgenstein*. Trad.: Helena Martins. Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed, 1997
- HACKER, P.M.S. *Wittgenstein – Meaning and Mind*. Oxford: Ed. Basil Blackwell, 1990.
- _____. Analytic Philosophy: beyond the linguistic turn and back again. In: BEANEY, Micheal (ed.). *The Analytic Turn in Philosophy: the analysis in early analytic philosophy and phenomenology*. London: Ed. Routledge, 2007.
- HEBECHE, Luiz. *O mundo da consciência: ensaio a partir da filosofia da psicologia de L. Wittgenstein*. Porto Alegre ; Edipucrs, 2002.
- MARQUES, Antonio Carlos. *O interior: linguagem e mente em Wittgenstein*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- _____. Vivência e significado. Introdução aos Últimos Escritos sobre a Filosofia da Psicologia de Wittgenstein. In: WITTGENSTEIN, Ludwig. *Últimos escritos sobre a Filosofia da Psicologia*. Trad.: António Marques, Nuno Venturinha, João Tiago Proença. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- RORTY, Richard (Ed.). *The Linguistic Turn. Essays in Philosophical Method*. Chigago (USA) : The University of Chicago Press, 1992
- SCHULTE, Joachim. *Experience and Expression: Wittgenstein's Philosophy of Psychology*. Oxford: Clarendon Press, 1995.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. Notes for Lectures on "Private Experience" and "Sense Data". In.: RHEES, R. (ed.) *The Philosophical Review*. Vol LXXVII, n. 3, 1968.
- _____. *Investigações filosóficas*. Trad.: José Carlos Bruni. 2ª ed. – São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- _____. *Tratado lógico-filosófico e investigações filosóficas*. 3. ed. – Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2002.
- _____. *Últimos escritos sobre a Filosofia da Psicologia*. Trad.: António Marques, Nuno Venturinha, João Tiago Proença. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.
- _____. *Observações sobre a Filosofia da Psicologia*. Trad.: Ricardo Hermann Ploch Machado. – Aparecida, SP: Idéia & Letras, 2008.
- WRIGHT, Crispin. *Rails to infinity: essays on themes from Wittgenstein's Philosophical Investigations*. Cambridge: Harvard University Press, 2001.